

O Dia da Europa 2005/05/09 07:30:00

## “O modelo europeu só protege os que estão empregados”

A Agenda de Lisboa pecava por falta de responsabilidades, defendem os autores do mais recente livro sobre a Europa.

### Filipe Charters de Azevedo

Num momento em que a Europa se debate com enormes dificuldades para cumprir os objectivos da Agenda de Lisboa e tem medo da liberalização dos serviços, dois quadros da Mckinsey apresentam a sua perspectiva estratégica para o velho continente. O livro “Conquistar o futuro da Europa” mostra uma visão radical, apolítica, e que define a Europa sem mitos ou complexos, apontando metas para aquilo que poderemos ser. Galamba de Oliveira explica o quê.

### O que falhou na Agenda de Lisboa?

Falhou sobretudo o conceito – o que não quer dizer que muitas das ideias em si não tivessem mérito. Por exemplo, as preocupações sociais e com o ambiente, a importância da modernização da Administração do Estado, a necessidade de melhorar a economia para sustentar os investimentos no futuro, o papel do mercado único, e claro, a importância da inovação...

Se quiser, o problema não foi a falta de ideias boas a mais. No total, a estratégia de Lisboa tinha 28 objectivos principais e 120 sub-objectivos. Por outro lado, não estabelecia responsabilidades a ninguém, todos eram responsáveis por tudo.

### Como vêm a reforma da Agenda 2000?

Aquilo que a Comissão Barroso tentou fazer foi reciclar a agenda, em vez de começar tudo do zero. Em particular, definir prioridades em torno de um conjunto de ideias e objectivos muito mais focados. Por razões de discurso, evitou-se deitar coisas fora, mas é evidente uma muito maior preocupação com o tema do crescimento e do emprego.

Outra evolução importante foi a responsabilização dos Estados-membro por políticas que só eles estão em condições de fazer, como a reforma dos mercados laborais. Tecnicamente a direcção é a correcta, vamos ver se funciona.

### Uma das temáticas que apresentam constantemente no vosso livro é a diferença entre a idealização da política e o seu resultado concreto.

Um bom exemplo disso é justamente o mercado laboral. O chamado modelo europeu que pretende proteger o emprego apenas protege aqueles que estão empregados. Paradoxalmente, este modelo, e a rigidez a ele inerente, acaba por não proteger ninguém, uma vez que reduz a atractividade do factor trabalho para as empresas, resultando em elevadas taxas de desemprego.

Esta é a primeira dimensão em que a rigidez do mercado de trabalho prejudica a Economia e os indivíduos: transforma indivíduos potencialmente produtivos em factores de produção inutilizados. É sintomático que a taxa de desemprego nos Estados Unidos raramente ultrapasse os 6%, quando na Alemanha e na França a taxa facilmente sobe acima dos 10%.

### Como é que os problemas no mercado laboral afectam o crescimento?

A dificuldade em despedir e contratar trabalhadores leva à acumulação de factor humano em sectores menos produtivos, menos dinâmicos, o que tem um impacto tremendo sobre a competitividade e a taxa de crescimento da economia da União Europeia.

### Qual a importância da sociedade civil na reforma dos diversos Estados europeus?

É fundamental. É fácil criticar a classe política mantendo-se, em simultâneo, fora do sistema. Achamos que essa tendência se está a inverter, e achamos que isso é um factor importantíssimo para o futuro da Europa.

Saudamos todos os movimentos da sociedade civil. Nos Estados Unidos e em diversos países da Europa existem ‘think tanks’ que analisam os problemas dos respectivos países e catalisam a opinião pública para a sua resolução. Em Portugal há muito pouco disto, temos de investir muito mais nesta área.

### O problema da reforma da economia portuguesa está do lado dos cidadãos ou do Estado?

Em democracia a diferença não é grande... É um problema de todos nós. Se me obriga a escolher entre os cidadãos e o Estado, escolho os cidadãos. É da responsabilidade dos cidadãos a resolução dos problemas a nível da sua esfera pessoal, mas é também da sua responsabilidade a resolução dos problemas da esfera do Estado, no final do dia, através da sua participação na sociedade civil e através do seu voto.

### Porque é que no “final do dia” as coisas não acontecem se os diagnósticos estão feitos?

O problema é que, nas reformas que a Europa precisa de fazer, o custo vem à cabeça. E num continente muito fragmentado, tão diverso, onde há um apego tão grande a factores culturais e ambientais e que sobretudo se habituou a viver bem, é difícil passar a mensagem que há que mudar as coisas. Este é o maior desafio da Europa.

Temos de passar a mensagem que há que pôr na mesa aquilo que temos, para no futuro termos mais.

Uma Europa criadora de emprego, da qualidade de vida, da cultura e do ambiente, tem em si os aspectos catalisadores da mudança.

### Perfil: Raúl Galamba de Oliveira

É sócio-director da Mckinsey Company e ‘office manager’ em Lisboa. A sua experiência profissional abrange todo o espectro das áreas funcionais, com particular ênfase em estratégia corporativa, organização, marketing.

### Perfil: João Castello Branco

Sócio-director da consultora Mckinsey & Company em Lisboa. Recentemente liderou o estudo de aprofundamento sobre os desafios do desenvolvimento da produtividade para a economia portuguesa.

Como pode Portugal tornar-se numa economia competitiva?

O primeiro desafio para a economia portuguesa passa pela modernização do Estado, isto é, garantir que os contribuintes recebem em serviços o valor justo por aquilo que pagam em impostos. Em "Conquistar o futuro da Europa", os dois especialistas defendem que o Estado deve desenvolver os mecanismos para que exista nos serviços que presta uma cultura de qualidade, de serviço ao cidadão e de eliminação do desperdício. Neste sentido, garantir, é essencial rever profundamente o mecanismo de avaliação e de progressão na carreira da função pública.

O segundo desafio apresentado é o da flexibilização da economia, o de induzir uma capacidade de renovação no tecido económico. A rigidez no mercado de trabalho em toda a UE contribui para manter empresas e emprego em excesso em sectores por reestruturar, entre os quais o sector estatal.

O terceiro desafio é o de encontrar os motores de crescimento. Conquistar este desafio é essencial para potenciar e, de certa forma, financiar as nossas ambições a nível económico e social. Claro está que este é um desafio essencialmente para os empresários, mas em que o Estado pode ajudar, criando as condições de concorrência necessárias, assegurando uma adequada infra-estrutura física e humana, promovendo o investimento estrangeiro que possa actuar como catalisador daquilo a que chamamos "definição de categorias" e que mais não é do que a descoberta e o desenvolvimento de novos mercados e/ou novas formas de trabalhar.

A informalidade - que é o não cumprimento das obrigações fiscais - é um 'dumping' mesmo aqui "nas nossas barbas". Falamos da China e esquecemo-nos que temos empresas "no nosso quintal", que por não pagarem impostos, por serem informais, praticam um verdadeiro 'dumping'. Este fenómeno pode não acabar na totalidade, mas tem de diminuir de forma radical. O papel fiscalizador e regulador do Estado é chave, mas as associações empresariais dos diversos sectores podem ajudar muitíssimo a encontrar as soluções necessárias.

---